O cenário de "Aves de Arribação" é soure

Cláudio Gonzaga Silva*

I – Nota prévia

Esta apreciação não tem por escopo analisar ou interpretar o romance em apreço e os personagens envolvidos e seus papéis, mas individualizar alguns atores com personalidades reais; bem como identificar os aspectos rurais e urbanos, palco do entrecho.

É historiografar um pouco, mas despretensiosamente, através da literatura.

["...Os três grandes romances sertanejos do Ceará não são obra de pura ficção, porque se baseiam em fatos reais e descrevem ambientes históricos. Cabe-lhes perfeitamente o conceito de Eça de Queiroz: 'sob a nudez forte da verdade o manto diáfano da fantasia'. De acordo com os estudos críticos de Ismael Pordeus, por exemplo, a história de 'D. Guidinha do Poço' não é mais do que a de D. Marica Lessa, mandante do assassínio do esposo, em Quixeramobim. Nas redondezas da antiga vila da Imperatriz, depois Itapipoca, decorreram vários episódios do 'Maria Rita', de Rodolfo Teófilo, figurando em alguns deles o padre Bulhões, personagem do período colonial cearense no começo do século XIX, que na verdade existiu e celebrou missa em Igreja de pedra levantada pelos índios mansos na antiga povoação de São Bento da Amontada. Comparando o 'Luzia Homem', de Domingos Olímpio, com a realidade, provar-se-á a tese enunciada no início

* Da Sociedade Cearense de Geografia e História.

deste parágrafo..."] ("À Margem da História do Ceará; Gustavo Barroso, p. 337").

Não é assunto de interesse massivo, visto estar adstrito a uma região específica e ser relativo às famílias envolvidas; entretanto irá de encontro a satisfazer a curiosidade das mesmas e o público caucaiense, em particular, - despojado dos informes agora ao seu dispor.

Nem é tema totalmente inédito para escritores e historiógrafos, mas com certeza o é para os naturais do município e o público em geral.

Inexiste qualquer pretensão de ressuscitar adormecidos estremecimentos, tampouco pretendemos manchar a memória de pessoas já falecidas, pois tudo que aqui está decorre e fundamenta-se em fontes primárias e bibliográficas.

II – Preliminares

Em princípios do XIX século, Francisco Ferreira Salles e sua consorte, dona Maria Rosa Xavier da Encarnação, foram-se estabelecer na vila de Soure, atual Caucaia.

De seus quatro filhos homens, Liberalino Ferreira Salles, José Ferreira Salles, Ignácio Ferreira Salles e Miguel Ferreira Salles, os dois primeiros permaneceram na vila, o penúltimo foi fundar a família Sales de Acaraú, e o último, casando com dona Delfina Pontes Salles, foram morar por uns tempos no Cauípe, distrito de Soure, emigrando posteriormente para Paracuru (Parazinho), onde nasceu um de seus filhos, o renomado homem de letras, Antônio Sales.

Este passou os primeiros anos de sua infância no Parazinho, edênico recanto quase à beira-mar.

As primeiras letras as recebeu, em Paracuru e em Soure, neste teve origem no Ceará, a sua família, lado paterno, onde seus parentes eram pró-homens da terra. Deste lugar guardou muitas lembranças que resolveu perpetuar, embora subliminarmente, em livro, conforme veremos adiante.

Seus anos tenros e púberes os repartia entre as duas localidades. No Parazinho, adjutorava o pai que, doente, decaía economicamente. No Soure, convivia com seus parentes queridos e concluía os estudos primários.

Rapazinho, aos 14 anos veio para Fortaleza trabalhar no comércio, em que laborou duramente cerca de seis anos, quando já deixava fluir os primeiros impulsos de seu dom de literato, - que lhe era inato. Entrando em seguida para o serviço público, inicia definitivamente uma trajetória bastante conhecida do cearense minimamente interessado na sua história e literatura.

Como participante ativo do jornalismo e mesmo da política, da qual logo se desencantaria, vivenciou o quadro reinante no Ceará, com as inquietações da implantação do regime republicano e com os primeiros passos de uma oligarquia que se instalaria no Estado e lhe agrilhoaria por muitos e muitos anos.

Homem de aguda inteligência e espírito elevado, não poderia, absolutamente, ficar alheio à conjuntura política deplorável, resultante das ações do grupo aciolino. Seus artigos veementes a arrostar os maus homens de governo e da administração, acabaram por lhe valer perseguição, mesquinharia tão em voga nos desígnios do oligarca, Antônio Pinto Nogueira Acioly.

Intemerato, sensível, avesso aos descaminhos da política, não encontrou mais clima para permanecer em Fortaleza; já maduro na seara das letras, resolve tentar a vida na Capital Federal.

Prosseguindo seu jornalismo corajoso, analítico, investigativo e satírico, criticando agora altas autoridades federais, é compulsoriamente transferido para bem longe, o Rio Grande do Sul, onde permanece por alguns meses, até conseguir o seu retorno ao Rio de Janeiro.

Retornando ao Rio, reintegra-se com sofreguidão aos meios culturais e literários. A partir de 1902, publica em folhetim, no "Correio da Manhã", o que viria a se chamar AVES DE ARRIBAÇÃO.

"O entrecho do romance é da maior simplicidade, podendo assim resumir: Alípio Flávio de Campos, sua figura central, chega, como promotor a Ipuçaba, cidade do centro do Ceará, com foros de moço ilustrado e de talento, não porque se houvesse distin-

guido muito nos seus estudos jurídicos, mas por suas aptidões oratórias e pelos trabalhos literários publicados nas revistas acadêmicas de Recife, em cuja faculdade havia pouco se formara.

Receberam-no carinhosa e festivamente.

Alípio apaixona a duas moças: Bilinha, professora pública do lugar, e Florzinha, filha do coletor, Asclepíades Orestes de Aconcágua Pinto, 'a quem aliás ia mal este nome farto e exótico, contrastando com a vulgaridade de seu corpo choco e curvado pela asma'.

Bilinha perde-se arrebatada nas lábias de praciano do promotor, e Florzinha acredita numa promessa de casamento que não se realiza.

Atravessa o romance a figura do poeta Mathias, de segundo plano, sim, mas que, isso não obstante, não pode deixar de provocar interesse, porque, como Antônio Sales confessa, não passava de uma autocaricatura do próprio autor do romance, ao tempo em que vivia no interior do Ceará.

"Aves de Arribação", cujo enredo decorre nas últimas décadas do século XIX, apresenta-nos o contraste entre os processos sociais sertanejos e os processos sociais citadinos, o antagonismo entre o matuto e o praciano, entre o requinte da civilização e a rudeza do mato, encarnando a antítese Florzinha – a donzela sertaneja – e Bilinha a **demi vierge** litorânea ("História da Literatura Cearense", Dolor Barreira, pp. 552/553)".

III – Trechos Escolhidos

... *"Em Ipuçaba encontrou o Padre Serrão um homem em cuja companhia se resolveu a entrar afoitamente nas lutas dos partidos.*

Esse homem era João Ferreira, chefe do partido conservador, cheio de ódio e de prestígio, porque era perverso e ricaço. Quanto ao mais, habilíssimo, voluntarioso e confiante em sua força. Ao redor de si ele creara um ambiente de terror que substituía vantajosamente o respeito da população de cuja tolerância vivia, tyranizando-a tranqüilamente e pouco importando que o amassem, contanto que o temessem e o obedecessem.

Era João Ferreira, um rapazinho imberbe e miserável quando chegara a Ipuçaba, vindo de um município longínquo, sem que se soubesse quase nada do seu passado ou de sua família. Logo soube captar as boas graças do abastado major José Herculano, chefe liberal, um desses typos de fidalgos sertanejos, cuja autoridade benéfica se estende a grande distância como a sombra protetora de uma grande árvore. Enfeitiçou-se o Major Herculano por esse rapazinho esperto, jovial e corajoso, e proporcionou-lhe dinheiro e crédito para estabelecer-se com uma casa de comércio.

A assombrosa actividade desenvolvida por João Ferreira, o jogo ruidoso que elle fez com os pequenos recursos de que dispunha, as audaciosas tentativas realizadas para cercear a importância aos antigos comerciantes de grande crédito na Fortaleza e desde muitos anos assenhoreados de toda vida mercantil do município, cujos habitantes lhe vendiam seus produtos agrícolas em troca dos artigos de que necessitavam, deram logar a uma reacção contra o desalmado intruso, que assim vinha ferir os interesses e perturbar os hábitos do velho comércio rotineiro, no seu simples funcionamento inalterável.

Além disto, o seu gênio intrygante tinha semeado fartamente a discórdia no campo fértil daquella pequena sociedade, já desaviezada às forgicações peculiares à gente sem occupação nem entretenimento.

Alguns meses depois João Ferreira se declarava fallido, sem apresentar bens de espécie alguma para garantir o débito. O Major Herculano, como seu fiador perante a casa Bernard Frères, teve que pagar por elle alguns pares de contos; outras casas sem essa garantia mandaram a Ipuçaba representantes fazer a liquidação. E, julgada fraudulenta a fallencia, João Ferreira foi parar à cadeia, onde passou cerca de um anno. Essa queda escandalosa não o acabrunhou; no seu temperamento enérgico não havia espaço para a vergonha humilde e arrependida. Durante os meses de prisão, sua alma abeberou-se de ódio e da impudência para triunphar na vida pela força da crueldade e da audácia. Elle praticara em seu eu a mutilação da consciência, e adquirira por isso a indifferença feroz de eunucho moral.

Por esse tempo alvoroçou toda a província uma questão de dinheiro falso, que se dizia largamente espalhado por um importante comerciante e chefe político da capital. O João Ferreira fez então uma viagem a Fortaleza e, com grande espanto de todos, de lá voltara com um farto carregamento de mercadorias e com a nomeação de delegado de polícia. Alem disso, trouxera diversas cartas do Barão de Itapava para alguns membros do partido conservador, verdadeiras credenciaes abonando-o como chefe desse partido na localidade.

O Padre Serrão acabava de ser nomeado vigário de Ipuçaba e alli chegando, ligou-se prontamente ao João Ferreira, pondo aos serviços das ambições deste a sua própria ambição sustentada pelo ascendente tradicional do padre sobre o povo.

E o Major Herculano, o antigo e respeitado chefe liberal, teve de enfrentar como adversário o indivíduo a quem levantara da miséria e que o roubara. Era desegual a luta com esse adversário perigoso, cuja actividade diabólica o vigário imprimia a segura direcção da sua manhosa habilidade, longo tempo educado à socapa num espírito de ambicioso contido à espera de uma boa occasião para agir em campo aberto.

Typo completo de mandão de aldeia, João Ferreira exercia a dominação pelo terror que espalhava em torno de si com ameaças, com perseguições e com calunias, para as quaes tinha uma fecunda imaginação. A dependência pecuniária era também um método que usava para dominar, e esse empregava, naturalmente, com seus amigos.

Com a sua importância política, crescia-lhe parallelamente a fortuna de uma maneira surprehendente: construíra uma grande casa, a mais vistosa da cidade, augmentara as proporções do seu estabelecimento commercial, montara uma fábrica de desencaroçar algodão e comprara várias fazendas de creação"... pp. 10/13.

* * *

... " Mathias levava ali uma vida aborrecida e nulla. Educado até aos quinze annos, num collegio de Sobral, revelara aptidões literárias, tornando-se o orgão dos collegas nas festas escolares

e escrevendo versos que primeiro andaram de mão em mão no estabelecimento e depois appareceram num pequeno jornal da cidade. Lá fóra começa Mathias a ser considerado 'Um Talento'; mas de portas a dentro a sua reputação era bem diferente, pois não fazia boa figura nas aulas, desleixado e preguiçoso por índole, e sempre preocupado com suas "Literatolices", como dizia com facécia cathedrática o professor de portuguez, accrescentando: - "O senhor quer ser poeta sem saber latim nem grammática! Traduza-me, meça-me e analyse-me este verso de Horácio, si é capaz!"... pp. 60/61

... "Mathias suava frio quando passou pela porta do collector. Florzinha, com uma toalha aberta sobre os hombros e soltos sobre elles os cabellos rorejantes do banho, estava na sala, a olhar absorta para a praça. Elle cortejou-a com um estremecimento e foi correspondido por um bom-dia! – inexpressivo, acompanhada de uma ligeira inclinação de cabeça. O rapaz, mais perturbado ainda, estugou o passo, ancioso por chegar a casa"... p. 71.

* * *

... "Florzinha estava sentada a fazer ***crochet****, à sombra da folhuda mangueira do quintal, e, manejando a longa agulha, scismava em coisas que ultimamente tinham vindo dar à sua existência uma feição insólita, perturbadora, como si de repente abrolhasse pedrouços ásperos no leito de um regato tranqüilo e claro. Até então ella vivera na fruição secreta de um affecto infantilmente casto, brotado um dia em seu coração, mas tão velado e tímido que ninguem jamais o suspeitara. Ella surpreendera um olhar de mudo fervor que lhe foi ter ao fundo de uma gruta. E a flor lá vivia pallidamente na sombra do seu primeiro segredo da humídade, das suas lágrimas sem motivo ainda, lágrimas que são apenas a condenação dos primeiros sonhos no ambiente frio da realidade exterior" ...*

... "Agora queriam arrebata-la à sua deleitosa obscuridade, atira-la à plena luz que fecunda ou cresta, e um receio afflictivo a salteava, enchendo-lhe a cabeça dos zumbidos precursores da vertigem. Ella se sentia como agarrada por um braço estouvado e invisível que a puxava e sacudia, despertando-a para sempre do

sonho doce que vinha sonhando e com o qual se contentava a sua alma desambiciosa e resignada. Era uma mulher feita, e a vida a solicitava para assumir um posto. Essa intervenção despótica, exercida por intermédio de seu pae, fazia viver desde algumas semanas num oppressivo ambiente de temerosas anciedades"... pp. 115/116.

* * *

... "Rio acima, a uma distância de cinco léguas da cidade, ficava a fazenda da Varjota, propriedade do Capitão Galdino de Moura, cunhado de Asclepíades.

O tio de Florzinha era um sertanejo tosco e jovial, grande proprietário de gados e de terras, a alma direita e franca, muito popular na ribeira, cujos habitantes o procuravam com freqüência para decidir summariamente suas pendências e mesmo conciliar conflitos domésticos.

A fazenda era uma antiga vivenda vasta e acaçapada, rodeada de largos alpendres abertos, como o coração do dono, aos caminheiros e olhando do alto de uma pequena elevação para um vasto páteo em declive, até a margem do rio" ... p. 138.

* * *

... "Alípio era um sceptico, não por índole, mas por cálculo; na sua admiração pelos fortes, precocemente procurou tornar-se invulnerável às "pieguices" da vida. A história estava cheia de factos: o sentimento é o grande inimigo da força. O sentimento – doutrinava elle certa manhã ao Mathias, deitado em trajes menores numa pedra, à beira do rio, antes de entrar para o banho – é por sua natureza plástico, movediço, variável: sobre elle não há fazer destas grandes construcções humanas que se impõem ao respeito da sociedade" ... p. 158.

... "Naquele momento Alípio comprehendera bem a vida moral desses pequenos agrupamentos humanos, despojados da monótona serenidade das vivendas rurais, da rude singeleza do isolamento bucólico e imbuídos de uma philanciosa pretensão a sociedade culta, com a sua estreiteza de preocupações intellectuais, com o seu ambiente intoxicado de maledicências comadrescas,

onde se agitava num numero exíguo de figuras conhecidas, sempre as mesmas e cada qual sabedora das menores particularidades da vida dos outros" ... pp. 186/187.

* * *

.. "Mathias estava outro homem, mais robusto, mais corado, mais viril, com as mãos rijas e tostadas do sol do campo. O recolhimento gélido que lhe fez Asclepíades tinha-o , porem, desconcertado, e toda a affabilidade dos donos da casa não conseguiam acalmar a sua perturbação. E encerrado no quarto com o bacharel, contava-lhe com uma jovialidade forçada episódios de sua excursão que só interromperia quando houvesse de seguir viagem para a capital. Tal viagem não era sinão um projecto vago em cuja realização elle mesmo não acreditava deveras; mas, sem saber muito porque, ia propalando-o por toda a parte. Já falava nisso ali mesmo perante Florzinha, para dar-se importância e com o fim de estudar nella, o effeito de sua resolução. Mas a rapariga ouvia-o sem o menor signal de surpreza, com uma perfeita indifferença. E tendo vindo outra vez à Varjota, Florzinha só estivera alguns dias na sala e sahira pouco depois a passeiar a cavallo com a prima. Esta observara que podia parecer desfeita sahirem naquelle momento; porem Florzinha teimou, observando com dureza:

__ A gente há de perder o passeio por causa daquelle tolo?

__ Oh! Florzinha! Repreendeu a outra, como falas deste modo a respeito de um rapaz tão intelligente e que te trata com tanta amabilidade? Elle não merece isto.

__ Achas?! Galhofou Florzinha. Pois casa com elle, minha prima!

__ Eu?! E se for contigo que elle quizer?

__ Ora! Vê lá si me queres zangar. Pp 254/255.

... "Luizinha não acreditava, pois, que a prima não amasse ao Dr. Alípio, e a sua esquivança não passava de um estratagema de faceirice, a seu ver excessiva. Eram 'partes' de uma moça cônscia dos seus encantos e que não queria render-se sem um assédio em regra. Ella, sem possuir as prendas da prima, mas detestando a

rudeza dos rapazes da terra, contentava-se com o Mathias, que não era formado, não era formoso, nem distincto como o outro, mas fazia figura na capital e tinhas umas delicadezas muito gratas à sua índole sonhadora" ... p.272.

IV – Detalhamento das observações

Num desses caros momentos de descontração, onde as instigações mundanas não penetram na comunhão do homem com o espaço/tempo, - caminhando pelo calçadão de Copacabana, puxando pelo bracinho o seu sobrinho-afim Pedro Nava e explicando e mostrando a ele os maviosos e opimos contornos da paisagem carioca, contando histórias breves, Antônio Sales lhe revelou fatos valiosos, subjacentes ao festejado romance psicológico e regionalista supracitado, de pouco ou nenhum conhecimento da maioria esmagadora dos cearenses. Este, com memória de criança, guardou as ricas confidências, (ricas, notadamente para as famílias envolvidas), que são exatamente as seguintes:

a) Ipuçaba é Soure;
b) O Capitão Galdino[1] era irmão de seu pai;
c) Florzinha[2], filha do precedente, sua prima, portanto;
d) Mathias[3], ele próprio.

[1] Trata-se do Capitão José Ferreira Salles, casado com D. Maria Freire Salles, nossos bisavós maternos (ver O CLÃ DO CAUÍPE, pp. 188/189). Vereador, presidente da câmara, e Intendente da Vila de Soure, atuante por mais de vinte anos, a partir dos anos setenta do século XIX. Era pai de Fausto Dario Sales, prefeito do município, por mais de vinte anos, também, em períodos alternados, a partir de 1919, e o primeiro eleito pelo voto direto.

[2] Nossa avó materna chamava-se Virgília Freire Salles (Florzinha). Casando-se posteriormente com o tabelião maranguapense Luiz Gonzaga Júnior, passou a chamar-se Virgília Sales Gonzaga.

[3] Nossa mãe nos contava que Antônio Sales queria muito namorar com nossa avó Virgília, mas seu pai não via com bons olhos isto, pois com a rudeza de sertanejo que lhe era peculiar, considerava-o um desocupado, boêmio da cidade e fazedor de versos, coisa sem futuro; preferia para sua filha um homem forte, trabalhador que soubesse bem manejar o cabo de uma enxada.

Naturalmente os personagens aparecem, em geral, propositadamente invertidos e disfarçados nos papéis. Mathias, por exemplo, ao carregar a pesada carga de representar o próprio autor, atravessa desenraizadamente a trama, mas não o suficiente para nos dissuadir e engabelar.

Agora, munidos afortunadamente de outras achegas, como: ser natural do município e ter vivido ali até os vinte anos; ser conhecedor minudente da sua geografia e ecúmeno; ter ligações estreitas de parentesco com o autor e ser conhecedor, enfim, da tradição oral pertinente no seio da família, nos achamos em condições de identificar, não só as pessoas e acidentes recorrentes no texto já revelados, mas deslindar também outros personagens os quais se harmonizam dentro do contexto político-administrativo do lugar; além de outros detalhes que se nos apresentam no entrecho.

O romance desenvolve-se em período especialmente rico de nossa história recente, a partir da Proclamação da República (1889) e é sugestionado, ademais, por acontecimentos posteriores, - conseqüência das ações do governo estadual e de lideranças locais, que influenciam claramente o desenrolar de todo o enredo.

Os subterfúgios de que se utiliza o autor para camuflar romanescamente fatos reais em ficção, ilude aqueles que, desconhecendo e não dispondo de maiores informações do lugar, dos protagonistas e da tradição, estão desprovidos de melhores instrumentos de interpretação.

Assim é que, por exemplo, transferindo adredemente o autor, o palco dos acontecimentos para o alto sertão, onde costumeiramente impera a caatinga e a sede, centro do Estado, enseja a que alguns autores e críticos literários, ao analisarem AVES DE ARRIBAÇÃO, cujo título mesmo sugere retirantes da seca, digam, afirmem, que Antônio Sales inovou, ao apresentar lúbricos e verdejantes lugares, onde rios e riachos correm perenes; ao contrário do tórrido interior, tantas vezes lamentado em crônicas várias.

É que Soure e notadamente a fazenda de seu tio, a Varjota, na verdade, situavam-se na vertente marítima, na faixa do litoral onde a proximidade do mar vem em aditamento para a existência de uma considerável cobertura vegetal, pontilhada aqui e ali por

muitas lagoas, córregos e terras frescas, bem propícias à agricultura; realmente contrastantes com o ordinário sertão nordestino.

Nós felizmente dispomos dessas privilegiadas informaçõe adicionais que as temos como um prêmio.

Procedamos, então, aos necessários esclarecimentos que se somam aos já conhecidos:

e) O João Ferreira não é outro senão o Coronel Antônio Correa[4], líder político de Soure, truculento, vingativo, matreiro e impiedoso, que se regalava em tripudiar sobre os adversários temporariamente em desvantagem de prestígio político. Era visceralmente ligado ao governador do Estado, de quem era amigo e eleitor dedicado.

f) Estamos convencidos de que o major José Herculano é o Coronel Liberalino Salles, chefe do Partido Liberal em Soure, ligado ao Senador Pompeu (ver "A Sedição de Juazeiro", Rodolpho Theófilo, pp. 217/224), tio do 'medularmente' poeta.

g) Ainda podemos associar, por exemplo, um tal Barão de Itapava, seguramente, com o Barão de Ibiapaba (Joaquim da Cunha Freire) nascido em Soure e chefe no Estado do Partido Conservador (Ver: "Novos Retratos e Lembranças". Antônio Sales, pp. 32/36).

[4] Descende Antônio José Corrêa do Capitão Florêncio de Freitas Correia, comandante de navios negreiros, natural da Ilha da Madeira, arribado ao Ceará por motivação passional, (ver: "Amor de Branco em Tráfico de Negros", Geraldo da Silva Nobre). Inicialmente esteve em Soure e Arronches; posteriormente seus descendentes se dirigiram a Maranguape, onde se tornaram prósperos comerciantes e proprietários rurais. O Coronel nasceu lá em 1839, e depois se passou para Soure. É avô do veterano deputado Edson da Mota Corrêa (o ten. Edson) que por mais de quarenta anos representou Caucaia na Assembléia Legislativa, já falecido. Antonio Corrêa se tornaria fidagal inimigo da família Sales e Rocha Mota (aparentados); não só por parcialidade política, mas em face do rumoroso assassinato do Cel. Liberalino Salles, irmão, como foi visto, do Capitão Galdino (José Ferreira Salles); atribuído ou a mando daquele. Desse delito se livraria manhosamente, conforme sugere o autor (Antônio Sales) às páginas 312 a 315. Esse acontecimento serviu para separar nítida e definitivamente as facções políticas de Soure. Corrêa atuaria na câmara por mais de trinta anos, a partir de 1881, como vereador, presidente e chefe do Conselho de Intendência, até sua morte em 1914.

As casas, trajetos e logradouros emergentes do texto, a fazenda do Cap. Galdino de Moura, a casa do vigário, o açude, a rua que o tangencia, estão bastante claros e evidentes para nós.

O local da fazenda ainda hoje chama-se pôço e é cortada pelo Rio Juá[5], cuja Barra (Nova), fica na praia da Tabuba, Caucaia. A casa paroquial, no oitão esquerdo da Matriz de N. S. dos Prazeres, à Rua Pe. Romualdo é, ainda, existente, casa muito antiga, mas não cumpre mais aquela função, - é atualmente habitada por particulares.

O açude, mais de uma vez referido, situa-se a algumas quadras da Matriz e lá está a sobejamente desafiar possíveis incrédulos; a rua que é tangente ao mesmo e é por vezes citada pelo autor, como via natural para quem demanda o interior-sul do município, e por onde chegara o Dr. Alípio à póvoa modorrenta, é atualmente chamada de José da Rocha Sales; por sinal neto do Cap. José Ferreira Salles (Capitão Galdino).

Antônio Sales declara por ocasião do tardio lançamento em livro, de "Aves de Arribação", que teria muita coisa a alterar ou acrescentar nestes escritos, mas resolveu conservá-los assim como os concebeu, anos antes.

Certamente, deste modo, pretendia atualizá-los por conta de novos e importantes acontecimentos, como a queda de Accioly (1912); ascenção e queda de Franco Rabelo (1912/14) e assassinato do Coronel Corrêa, em Soure (1914).

V – Cronologia (antônio sales)

- 13 de junho de 1868, - Nasce no Parazinho (Paracuru);
- 1882 – inicia sua labuta de caixeirinho em Fortaleza, e, poucos anos depois, passa a colaborar no jornalismo da capital;
- 1888 – deixa o comércio para ingressar no serviço público;

[5] Em tempos pretéritos, os morros, vez por outra, fustigados pelos alísios constantes, fechavam a Barra, causando grande inundação que atingia sobremaneira o Poço (Maço de Documentos da Vila de Soure, existente no Arquivo Público Estadual).

- 1889 – funda, juntamente com Virgílio Brígido, José Carlos Junior, Jovino Guedes e Papi Júnior, o semanário crítico e literário A AVENIDA;
- Julho de 1889 – ajuda a fundar o "Centro Republicano";
- 1890 – surge seu primeiro livro: VERSOS DIVERSOS (Poesias);
- 1891 – sai A POLÍTICA É A MESMA, em colaboração com Alfredo Carvalho;
- 30 de maio de 1892 – juntamente com outros valorosos companheiros instala a famosa "PADARIA ESPIRITUAL";
- 1892 – é nomeado Secretário dos Negócios do Interior e Justiça, Governo Bezerril Fontenele;
- 1893/96 – desempenha o mandato de Deputado Estadual;
- 16 de junho de 1894 – casa-se com D. Alice Nava, irmã de seu consócio na "Padaria Espiritual", José Nava (Gil Navarra);
- 1895 – aparece seu segundo livro: TROVAS DO NORTE, cujo lançamento foi comemorado na "Padaria", em 15 de abril, segundo "O PÃO";
- 1897 – embarca do Ceará para o Rio de Janeiro, empregando-se no Tesouro Nacional e é introduzido na imprensa da Capital Federal;
- 1902 – surge POESIAS (edição definitiva).
- 1912 – idem, "O BABAQUARA, subsídios para a história da oligarquia do Ceará" (pseudônimo: Martim Soares);
- 1914 – aparece AVES DE ARRIBAÇÃO, editado em Lisboa;
- 1919 - surge MINHA TERRA, considerada sua obra-prima;
- 1920 - volta a residir no Ceará;
- 1922 – figura no quadro de sócios efetivos da "Academia Cearense", reorganizada sob os auspícios do presidente do Estado, Justiniano de Serpa;
- 1930 – novamente integra o quadro de sócios efetivos, com a refundição empreendida e patrocinada pelo presidente do Estado, José Carlos de Matos Peixoto. Tanto nesta, quanto na anterior era também sócio honorário;
- 1938 – aparece RETRATOS E LEMBRANÇAS (reminiscências literárias).
- 14 de novembro de 1940 – falece, aos setenta e dois anos de idade, numa modesta casa de aluguel da Rua Cel. Liberato Bar-

roso, bairro de Jacarecanga, nesta capital. O Governo do Estado mandou suspender o expediente das repartições públicas, em sinal de pesar pelo desaparecimento do Grande Cearense e solicitou à viúva permissão para fazer, à sua custa, os funerais que se realizaram na manhã do dia imediato. (Dolor Barreira, op. cit, pp. 452/453).

VI – Referências

1) BARREIRA, Dolor. - "História da Literatura Cearense (Antônio Sales)" tomo 3. Fortaleza: Ed. A. Batista Fontenele, 1954.
2) BARROSO, Gustavo. - "A Margem da História do Ceará". Imprensa Universitária do Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1962.
3) BÓIA, Wilson. "Antônio Sales e sua Época". Fortaleza: Editora do BNB, 1985.
4) GOMES, Francisco José Ferreira. "Árvore Genealógica de Meus Avós", Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1958
5)____. "Veleiros de Meu Pai". Fortaleza: IOCE, 1982.
6) GUIMARÃES, Hugo Victor. "Deputados Estaduais e Províncias do Ceará (1835 – 1946)". Fortaleza, 1948.
7) "MAÇO DE DOCUMENTOS PERTENCENTE À VILA DE SOURE – 1878/1914", existente no Arquivo Público do Estado do Ceará.
8) MOTA, Leonardo. "A Padaria Espiritual". Fortaleza: Edésio Editor, 1938.
9) NAVA, Pedro da Silva. "Baú de Ossos". 7ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.
10) ____ ."Balão Cativo". Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.
11) NOBRE, Geraldo da Silva. "Amor de Branco em Tráfico de Negros". Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1988.
12) "REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS", Vol. III, tomo I (2ª fase), Ed. Fortaleza, Fortaleza, 1941.
13) SALES, Antônio. "O Babaquara, Subsídios para A História da Oligarquia do Ceará". Rio de Janeiro, 1912.
14) ____. "Aves de Arribação". , Lisboa: Typografia A Editora LTDA, 1914.
15) ____. "Novos Retratos e Lembranças". Fortaleza: Casa José de Alencar/ Programa Editorial, 1995.

16) SILVA, Cláudio Gonzaga. "O Clã do Cauípe". 2. Edição. Fortaleza: ABC, 1998.
17) STUDART, Barão de. "Dicionário Bio-Bibliográfico Cearence", Vol. I. Fortaleza, 1910/13.
18) ____. "Datas e Fatos Para A História Do Ceará (Período Colonial e Provincial)". Fac-símile. Fortaleza: Typografia Studart, 1986.
19) THEÓPHILO, Rodolpho Marcos. "A Sedição de Joazeiro. São Paulo: Monteiro Lobato & Editores, 1922.
20) ____. "Libertação do Ceará". Queda Da Oligarquia Accioly", Ed. Fac-Simile. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.